

Anglicismos em moçambique: uso em editoriais – uma perspectiva lusófona na sociolinguística

Anglicisms in mozambique: use in editorials – a lusophonic perspective in sociolinguistics

Flavio Biasutti Valadares¹

Resumo

O artigo trata dos usos de anglicismos no espaço lusófono, tendo como foco Moçambique, país africano cuja língua oficial – Língua Portuguesa – não é usada por boa parte da população e em cuja fronteira existem países anglófonos com influências linguísticas e culturais bastante presentes em relação ao país. Apresenta conceitos sobre lusofonia, estrangeirismo e sociolinguística variacionista, ressaltando a base laboviana, a lexicologia e os estudos lusófonos na contemporaneidade, com apoio em autores como ALKMIN (2001), ALVES (2002), BIDERMAN (2001), BRITO (2013, 2010, 2004, 2003), CARVALHO (2002), FARACO (2001), LABOV (1994), MARTINS (2006) e NAMBUERETE (2012, 2006); objetiva levantar usos de estrangeirismos no país selecionado, a fim de mostrar o trânsito de termos estrangeiros em situações formais de uso da língua escrita; utiliza como procedimento metodológico a recolha de textos jornalísticos, em editoriais do sítio www.verdade.co.mz, veículo de comunicação muito popular entre os moçambicanos, com utilização de palavras estrangeiras em grafia original, cuja análise se fundamenta na sociolinguística quantitativa laboviana. Além disso, propõe uma análise qualitativa a partir dos dados quantitativos coletados, observando a influência e relevância dos termos selecionados para o *corpus* e, conseqüentemente, para o escopo teórico-metodológico, em que se ressalta o aspecto de uso pelos jornalistas, no texto escrito, de anglicismos sem qualquer referência prevista na norma culta da língua portuguesa, como diferenciá-las com uso de itálico. Conclui-se que o uso de termos de origem anglófona em países de língua portuguesa, especificamente Moçambique, conduz a uma perspectiva de contatos linguísticos que vêm caracterizando a circulação do uso da língua inglesa no mundo.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista. Lusofonia. Lexicologia. Anglicismo. Moçambique.

¹ Doutor em Língua Portuguesa/PUC-SP. Docente IFSP/Campus São Paulo. Pós-Doutor em Letras (Estudos Lusófonos)/Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP.
Contato: flaviovaladares2@gmail.com

Abstract

This article deals with the uses of Anglicism in the Lusophonic context, having Mozambique as its set, an African country whose official language (Portuguese) is not used by a great part of the population and in whose borders there are Anglophonic countries with linguistic and cultural influences that really affect it. This paper presents concepts of Lusophony, foreignism and variational sociolinguistics, highlighting Labovianism, lexicology and Lusophonic studies in contemporary times, grounded on authors such as ALKMIN (2001), ALVES (2002), BIDERMAN (2001), BRITO (2013, 2010, 2004, 2003), CARVALHO (2002), FARACO (2001), LABOV (1994), MARTINS (2006) e NAMBUERETE (2012, 2006). The aim of this study is to map the uses of foreignism in the selected country in order to show the movement of foreign terms in formal situations of written language use. Its methodological procedure consisted of collecting journalistic texts in editorials available on the site: www.verdade.co.mz, a very popular communication medium among the mozambicans which uses foreign words with their original spelling. The analysis of these data is based on the Labovian quantitative sociolinguistics. This article also makes use of a qualitative analysis based on the quantitative data collected by observing the influence and relevance of the selected terms for the corpus and, consequently, for its theoretical-methodological scope that highlights the aspect of having journalists use Anglicism, in written texts, without any predicted reference in the formal norms of Portuguese language, such as differentiating them by the use of italics. We conclude that the use of Anglophonic terms in Portuguese-speaking countries, such as Mozambique, leads to a perspective of linguistic contacts that have characterized the movement of English Language use in the world.

Keywords: Variational sociolinguistics. Lusophony. Lexicology. Anglicism. Mozambique.

Introdução

Neste artigo, nosso objetivo é apresentar como se processa o uso de palavras estrangeiras nos textos jornalísticos em países de língua portuguesa, tendo como foco Moçambique. Com esse objeto, pretendemos demonstrar que a frequência e ocorrência de usos de palavras estrangeiras em editoriais é considerável, e o anglicismo figura como o de maior uso. Como procedimento metodológico, adotamos a recolha de termos estrangeiros em textos jornalísticos publicados em Moçambique, via sítio <www.verdade.co.mz>, na seção editorial, selecionando os trechos com grafia original do estrangeirismo, a fim de compor um quadro que comprove a utilização de tais termos, especificamente os anglicismos. Assim, organizamos nosso artigo em: abordagem da sociolinguística variacionista, da lusofonia, dos estrangeirismos e a análise dos dados.

A Sociolinguística

Entendemos que a Sociolinguística, como indicam Chambers (1995), Monteiro (2000), Mattos e Silva (2002), Camacho (2003; 2013), Mollica (2003), Cezário e Votre (2008) e Gonçalves (2008), trata de evidenciar a heterogeneidade inerente da linguagem, demonstrando que a variação é sistemática, regular e ordenada, além de estudar a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos socioculturais.

Alkmin (2001) assinala que o estabelecimento da Sociolinguística, em 1964, é precedido pela atuação de vários pesquisadores que buscavam articular a linguagem com aspectos de ordem social e cultural. Ele destaca Hymes (1962) e Labov (1963), com a publicação de Hymes de um artigo que propõe um novo domínio de pesquisa, a Etnografia da Fala, e o trabalho de Labov sobre a comunidade da ilha de Martha's Vineyard, em que sublinha o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variação linguística, isto é, da diversidade linguística observada.

Camacho (2013, p. 19) ratifica que a Sociolinguística “incrementou, nas últimas três décadas, uma nova compreensão da natureza ao mesmo tempo variável e mutável da linguagem”. E acrescenta: “Ativou também o reconhecimento do caráter regular e sistemático da heterogeneidade mediante um conjunto de estudos empíricos, de natureza quantitativa com foco na língua em uso no contexto social”. Considerado isso, sobre o objeto de estudo da Sociolinguística, Peres (2006, p. 39) confirma:

se as relações sociais dentro de uma determinada comunidade não são simples, a língua refletirá essa complexidade e será, obviamente, heterogênea. Entretanto, essa heterogeneidade pode ser sistematizada, e um dos grandes méritos da Teoria da Variação foi demonstrar que a variação linguística, existente em todas as épocas, em todas as comunidades de fala e em todos os níveis do sistema linguístico – fonético, lexical, sintático e semântico –, ocorre de forma organizada e regular. Outra grande contribuição dessa corrente foi o desenvolvimento de técnicas que permitiram sistematizar essa variação.

Labov (1994) ressalta que toda língua apresenta variação, que é sempre potencialmente um desencadeador de mudança. Consideramos haver também imposições socioculturais que contribuem para que determinadas palavras

sejam usadas e tenham consequente relevância na comunidade linguística, razão pela qual quem as despreza pode sofrer sanções pela comunidade linguística da qual participa.

Nesse aspecto, delineamos que os estrangeirismos estão em constante uso nas línguas, não sendo diferente no português de Moçambique, já que compõem a dinâmica das línguas, bem como promovem o intercâmbio cultural, por meio de trocas linguísticas, além do importe de tecnologias que geram a adoção de termos novos.

Segundo Freitas e Neiva (2006, p. 17),

embora a nativização de empréstimos possa ocorrer tanto por via oral como por via escrita, em ambas as situações pressupondo um falante bilíngue como aquele que introduz a forma estrangeira no seu sistema nativo, uma forma só poderá ser considerada como incorporada à língua importadora, isto é, como plenamente nativizada, se seu uso não está mais restrito a falantes bilíngues, mas já ganhou domínio geral e incorporou-se ao vocabulário de domínio de falantes que desconhecem ou têm escasso domínio da língua de origem da referida forma.

A lusofonia

Namburete (2012, p. 294) diz que, etimologicamente, *lusofonia* significa fala dos lusos, fala dos portugueses. Portanto, a língua portuguesa é apresentada como o fator mais importante na caracterização da lusofonia. Brito e Martins (2004, p. 11) explicitam:

a lusofonia e a comunidade lusófona só farão sentido quando de lado a lado se respeitarem (e para respeitar é preciso conhecer) as experiências, os valores particulares, a especificidade cultural, o modo próprio de experienciar a realidade e a visão de mundo que cada comunidade vem fixando na sua norma do português – é essa a perspectiva a adotar para o entendimento da construção de uma possível identidade lusófona.

Lusofonia, em sentido *lato*, como entende Brito (2003, p. 87),

é um sistema de comunicação linguístico-cultural no âmbito da língua portuguesa e nas suas variantes, diatópicas e diastráticas, compreendendo os países que a adoptam como língua materna,

que é o caso do Brasil e de Portugal; os que a escolheram como língua oficial, que é o caso dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Palop) e Timor-Leste; e aquelas comunidades que usam o português para a sua comunicação, como são os casos de Goa, na Índia, Macau, na China, entre outras.

Para Fiorin (2006, p. 25), “a lusofonia é o espaço dos que falam português”. Em sua opinião, “como a língua não tem meramente uma função instrumental de servir à comunicação, a lusofonia não pode ser pensada simplesmente como um espaço de usuários do português”. E acrescenta: “Tendo a língua uma função simbólica e um papel político, a lusofonia tem que ser analisada como um espaço simbólico e político”. Na visão de Martins (2006, p. 52), “o espaço cultural da lusofonia é um espaço necessariamente fragmentado. E a comunidade e a confraternidade de sentido e de partilha comuns só podem realizar-se pela assunção dessa pluralidade e dessa diferença e pelo conhecimento aprofundado de uns e de outros”.

Além disso, como aponta Carreira (2008, p. 170), “a língua portuguesa, falada por cerca de 200 milhões de falantes em cinco continentes, tem-se moldado ao longo dos séculos num contexto multicultural, tem construído memórias, imaginários, saberes sobre o mundo e sobre si, através de discursos e de textos partilhados”. E mais: “Tal como a língua e o discurso, também a cultura é viva e diversificada”.

Brito e Hanna (2010, p. 80) afirmam que o encontro com diferentes espaços em que o português é uma das línguas de expressão oficial (materna ou não) revela-nos que a utilização do termo “lusofonia” instala interpretações e reações distintas entre os partícipes. Para elas, o importante é refletir sobre a ideia multifacetada de “sentimento de lusofonia” e construir uma imagem de unidade que, na realidade, só pode ser construída pela evocação de vozes de sotaques vários.

Além disso, os estudos lusófonos precisam desvelar uma conceituação desvinculada de egocentrismos e/ou desconfortos que a palavra “lusofonia” possa carregar, pela identificação explícita à centralidade da matriz portuguesa em relação aos sete outros países de expressão oficial portuguesa. Ou seja, como indica Brito (2013, p. 13), a língua portuguesa é “o grande instrumento para o sentimento de lusofonia, mas também o é para o reconhecimento e para a construção do chamado espaço (não na dimensão geográfica, apenas)

da lusofonia”, bem como “dos sentidos de que se revestem os discursos das identidades várias abarcadas por esse mundo de *expressão* (também) em *português*”.

Namburete (2006, p. 63) também coloca a lusofonia como um termo que “pretende representar a congregação de um grupo de países e comunidades que têm um passado comum e características linguísticas e culturais similares”. Mas ressalta que “a lusofonia ainda constitui um polo de divergência, pois o seu entendimento ainda não é compartilhado por todos aqueles que deveriam nela se sentir representados”. Para ele, lusofonia pode significar “*nós*, mas um *nós* que é apenas consensual sob o ponto de vista político, dos governos e Estados. O *nós* da lusofonia ainda é controverso entre os acadêmicos e estudiosos, visto que desperta posições muito degladiantes e, muitas vezes, fantasmas do passado”.

Assim, como aponta Fiorin (2006), a lusofonia necessita ser um espaço simbólico significativo para seus habitantes, um espaço para todas as variantes linguísticas serem tratadas igualmente e com o mesmo valor, isto é, não pode haver uma autoridade “paterna” via padrões lusitanos, pensando na construção do espaço enunciativo lusófono como comunidade dos iguais, que têm a mesma origem.

Os estrangeirismos

Conceitualmente, segundo Valadares (2014, p. 111), estrangeirismos são

palavras, efetivamente, oriundas de outro sistema linguístico, tomadas por empréstimo para suprir alguma necessidade conceitual, de ordem tecnológica, ou para a expressão de elementos socioculturais, referentes às trocas de ordem linguístico-cultural entre comunidades falantes de idiomas diversos.

Na visão de Faraco (2001, p. 15),

é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso brasileiro, posto simplesmente, seria o uso de palavras e expressões estrangeiras no português. Trata-se de fenômeno constante no contato entre comunidades linguísticas, também chamado de empréstimo.

Guilbert (1975, p. 95-97) indica que o estrangeirismo é “a unidade lexical sentida como externa à língua”, além de considerar que “um termo de origem estrangeira deixa de ser neologismo a partir do momento em que entra no sistema linguístico da língua receptora, ou seja, quando deixa de ser percebido como termo estrangeiro”. Para Alves (2002, p. 77), “a fase propriamente neológica do item léxico estrangeiro ocorre quando está se integrando à língua receptora, integração essa que pode manifestar-se através de adaptação gráfica, morfológica ou semântica”.

Campos (1986, p. 34) explicita que “o estrangeirismo seria um empréstimo que ainda não se naturalizou”; Barbosa (2004, p. 71-72) postula que “o estrangeirismo consiste em transferir (transcrever ou copiar) para a língua-alvo vocábulos ou expressões da língua-fonte que se refiram a um conceito, técnica ou objeto mencionado na língua-fonte que seja desconhecido para falantes da língua-alvo”; e Cunha (2003, p. 5-6) considera estrangeira “aquela palavra que, embora usada por alguns dos nossos escritores e, mais frequentemente, na linguagem da imprensa, ainda não foi completamente adaptada ao nosso idioma”.

Além disso, é importante apontarmos que gramáticas normativas² de língua portuguesa classificam o estrangeirismo como barbarismo, ou seja, um vício de linguagem. Nesse ponto, como explicitam Weg e Jesus (2011, p. 29), “há os que consideram inadequado o uso de estrangeirismos; há os que consideram a língua dinâmica e se os falantes introduziram termos emprestados de outros idiomas é porque isso se fez necessário”. E acrescentam: “como traduzir as palavras ‘pizza’, ‘filé’ ou ‘purê’?”.

Biderman (2001) indica três diferentes tipos de estrangeirismos que ocorrem na língua portuguesa: 1) Decalque: versão literal do lexema-modelo concretizado, tendo em vista que tais palavras são calcos literais da palavra estrangeira – por exemplo, retroalimentação, supermercado e cartão de crédito); 2) Adaptação da forma estrangeira à fonética e à ortografia brasileira: quando, em geral, o estrangeirismo já foi adotado há muito tempo pela nossa cultura – por exemplo, boicote (*boy-cott*), clube (*club*) e drinque (*drink*); e 3) Incorporação do

² O parâmetro, via de regra, para a gramática normativa, desde a segunda metade do século XX, no Brasil, tem sido a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB).

vocábulo com a sua grafia original³ – por exemplo, *hardware*, *check-up* e *best sellers*.

Sandmann (1997) aponta três grupos de neologismos por empréstimos: lexical, semântico e estrutural. O lexical ocorre quando há incorporação de palavra estrangeira em sua forma original, seja no aspecto fonológico-ortográfico (*pizza*) ou no ortográfico (*clip* e *grid*); morfossintático (*campus-campi*); plenamente adaptado à língua portuguesa (blecaute e robe), ou em processo de adaptação (*stand*>estande). O semântico é a tradução ou substituição de morfemas, mantendo marcas da importação (*hot dog*>cachorro quente). No caso do estrutural, é a importação de modelo não vernáculo, como determinante + determinado (videoconferência).

Carvalho (2002) salienta que o empréstimo, quanto à forma de adoção, pode ser simples, quando constituído de uma unidade lexical apenas, ou composto, quando constituído por mais de uma unidade lexical. Muitos empréstimos compostos são, no entanto, adotados como simples: *pull-over* – pulôver, *roast-beef* – rosbife. Também a adoção pode ser completa, quando há adoção do conjunto significante mais significado (nhoque, basquete); ou incompleta, quando ocorre a adoção de um novo significante para um significado já existente na língua.

Quanto à forma de derivação, ainda segundo Carvalho (2002), os empréstimos podem ser classificados em diretos e indiretos. O empréstimo direto é aquele que deriva da língua fonte – futebol, por exemplo, derivou de sua língua de origem, do inglês *football*. O indireto tem a língua fonte como intermediária no processo de adoção – humor (português), do francês *humeur*, mas emprestado para o português do inglês *humour*. Por fim, a afirmação de Alves (2002, p. 73) de que “o estrangeirismo é facilmente encontrado em vocabulários técnicos – esporte, economia, informática... – como também em outros tipos de linguagens especiais: publicidade e colonismo social”.

O anglicismo no espaço lusófono – Moçambique

Namburete (2006, p. 69) destaca sobre Moçambique que “as interferências [...] vão além do sotaque, que varia de acordo com as propriedades das várias

³ Nossa pesquisa segue essa noção de Biderman (2001), considerando-se também a visão laboviana de que a análise deve ser feita na perspectiva da variável estável e mudança em curso.

línguas moçambicanas; assistimos à introdução de novos vocábulos que não existem no português de Portugal”. Neves (2008, p. 182) salienta que “é automático o uso da língua para comunicação, mas a avaliação que cada falante faz de seu uso é sempre no sentido de uma busca dos padrões socioculturais que ele é capaz de atingir nos seus enunciados”.

A partir disso, consideramos que o sítio selecionado para a recolha de termos estrangeiros reproduz uma época no país que caracteriza um sentimento lusófono ao tratar das questões mais prementes de Moçambique na atualidade. No entanto, a influência de anglicismos se apresenta em um tipo de texto eminentemente calcado na norma culta⁴.

Carreira (2008, p. 168) assevera que “o percurso que conduz o sujeito falante da apreensão do mundo referencial (seja ele real ou imaginário, concreto ou abstracto) e da sua conceptualização até as produções discursivas e textuais supõe uma aproximação individual da língua”. E complementa: “o percurso complementar é o do interpretante que, partindo das produções discursivas e graças ao conhecimento que tem da língua e do mundo referencial ao qual o discurso reenvia, constrói sentido”.

Nessa perspectiva, analisamos trechos de editoriais publicados no sítio <www.verdade.co.mz> em que há uso de anglicismos. Inicialmente, esclarecemos que a mídia impressa é tida como inovação e, ao mesmo tempo, tradição, como ratifica Bagno (2001):

é cientificamente válido reconhecer que a escrita jornalística contemporânea é, sim, uma excelente fonte para a pesquisa linguística do português brasileiro culto urbano escrito. [...] Quando inovações linguísticas se cristalizam na escrita culta, é porque já se incorporaram definitivamente à gramática da língua, uma vez que a língua escrita culta, como é bem sabido, é mais conservadora e leva mais tempo para absorver as variantes inovadoras, que se manifestam primeiramente na língua falada. (BAGNO, 2001)⁵

⁴ É importante considerarmos que a gramática tradicional, independente do autor, coloca o estrangeirismo como um vício de linguagem.

⁵ Trecho retirado do texto “A dupla personalidade linguística da mídia impressa: discurso prescritivista *versus* prática não-normativa”.

O sítio <www.verdade.co.mz> tem uma relação com Moçambique bastante ativa no sentido de priorizar a qualidade da informação e sua disseminação a todos, como se constata em sua página inicial:

Desde o início, Verdade foi projetado para ser uma ferramenta para o desenvolvimento do cidadão - o ser humano que tem o direito de ser um participante ativo da economia do país simplesmente por ter sido informado, por ser capaz de tomar decisões fundamentadas, por ser capaz de falar e ser ouvido, sendo permitido sonhar, querer, fazer, e para iniciar a mudança. Nós acreditamos fortemente que dar às pessoas o acesso à informação e um canal para expressar-se é o primeiro passo para envolvê-los como cidadãos activos e criar a massa crítica necessária para alcançar mudanças sociais importantes em Moçambique.

Erik Charas
Fundador

Vindos do norte de Moçambique, Erik é muito apaixonado por sua responsabilidade de trabalhar para o seu país. A inspiração para criar Verdade veio da percepção de que a maioria das pessoas em Moçambique não tinham acesso a informação de qualidade. Ele acreditava informando-os sobre o seu governo, país e no mundo foi o primeiro passo para envolvê-los como participantes ativos na transformação do país. Ele é um dos defensores mais vocais de ativismo anti-pobreza na África hoje.

Erik Charas também é fundador e CEO da Charas LDA, uma empresa que investe em empreendedores moçambicanos. Ele tem um diploma de engenharia da Universidade da Cidade do Cabo, e mais de 10 anos de experiência nos setores público e privado na África Austral. Entre outros reconhecimentos, Erik foi votado um herói de África em 2005 pelo grupo de mídia do MSN, com o nome de um Fórum Econômico Jovem Líder Global de mundo em 2006, e serviu como uma iniciativa Arcebispo Tutu Liderança Africano Fellow em 2007 Preside diversos conselhos de empresas e não organizações lucrativos em Moçambique e em outros países. (Disponível em: <<http://www.verdade.org/>>. Acesso em 12 set. 2014)

Dessa forma, a escolha do sítio e de editoriais nele publicados significa nosso entendimento de que a língua dinamiza usos e, ainda que um editorial deva ter alguns cuidados com a norma culta, inevitavelmente, a circulação de anglicismos no espaço moçambicano está além de uma influência estrangeira; está arraigada na cultura por meio de suas trocas com o português de Portugal, do Brasil e da África, mas também com seus países fronteiriços de língua oficial inglesa.

Nossos dados foram levantados a partir de visita ao sítio selecionado, na seção editorial, independentemente do tema de que o editorial daquele mês tratasse. Apesar de aparentar ser aleatória a recolha, pautamo-nos no escopo de que um editorial apresenta o principal fato a se discutir naquele período. Além disso, restringimo-nos ao período de março a agosto de 2014.

A seguir, apresentamos cada trecho em que foi utilizado anglicismo e, na sequência, um quadro com cada um dos anglicismos utilizados.

Trecho 1⁶

Depois do sprinter que permitiu alcançar o “Memorando de Entendimento”, os “Mecanismos de Garantias” e os “Termos de Referência da Missão dos Observadores Militares Internacionais” e, conseqüentemente, a aprovação da Lei de Amnistia, o diálogo político volta a estar estagnado e cai num impasse em virtude de um novo “braço-de-ferro” causado pela falta confiança entre as partes. Acabem como isso de uma vez.

Trecho 2⁷

Há mais de dois anos temos vindo a operar com uma Redacção no norte do país e, como já referimos, na esteira das alterações em curso, a delegação norte será transformada na nova sede do Jornal @Verdade e Maputo passará a delegação sul, por agora ainda em “parte incerta”. A migração não será brusca, ela irá acontecer paulatinamente ao longo do mês em curso e, em Julho, já não estaremos na capital do país. Os leitores

⁶ @Verdade EDITORIAL: *Pouco importa se é entre Guebuza e Dhlakama*. Escrito por Redacção. Em 21 de agosto de 2014. Disponível em: <<http://www.verdade.co.mz/opiniao/editorial/48383-pouco-importa-se-e-entre-guebuza-e-dhlakama>>. Acesso em 05 set. 2014.

⁷ @Verdade EDITORIAL: *Verdade sopra do norte*. Escrito por Redacção. Em 06 de junho de 2014. Disponível em: <<http://www>>.

de todo país poderão continuar a ler-nos no nosso website www.verdade.co.mz, no telemóvel (pda.verdade.co.mz), no Facebook, que é por sinal a página de media com maior número de seguidores em Moçambique, ou via subscrição de e-mail. O jornal impresso será reservado aos nossos compatriotas macuas, macondes, ajauas, nyajas e também vai abranger os machuabos.

Trecho 3⁸

Diante dos factos, os discursos que se sustentam nos slogans “Moçambique para todos” e “Futuro melhor” são contraditórios, revelando, assim, a falta de moral política por parte de quem pretende dirigir ou dirige o destino do país.

Se a Frelimo e o MDM desejam, realmente, ajudar o povo moçambicano e contribuírem para o desenvolvimento socioeconómico e cultural de Moçambique, basta simplesmente ignorarem a ideia de governar o país. Não precisam de invocar as razões, pois está claro e é sabido, por experiência, que a vocação não é governar um país, mas sim delapidar os cofres do Estado de todas as maneiras possíveis.

Trecho 4⁹

Não é preciso ser criativo para arrolar um contentor de atropelos à dignidade de todos nós que já devia, por razões óbvias, ter gerado inúmeras rebeliões. Para apontarmos um exemplo mais urbano basta concentrarmos o nosso olhar para a forma como o cidadão pagador de impostos é transportado. As regalias dos deputados, diante deste insulto, não passam de uma brincadeira de crianças. O imposto predial é outro insulto que devia, pelo espírito burlesco que o gerou, ter originado pelo menos uma revolta com ‘cocktails molotov’ e tudo o resto.

O número de carros ao dispor do juiz Presidente do Tribunal Administrativo e de outros dirigentes que não se esquecem

⁸ @Verdade EDITORIAL: *Farinha do mesmo saco*. Escrito por Redação. Em 06 de junho 2014. Disponível em: <<http://www.verdade.co.mz/opiniao/editorial/46219-farinha-do-mesmo-saco>>. Acesso em 05 set. 2014.

⁹ @Verdade EDITORIAL: *Blablabla*. Escrito por Redação. Em 1º de maio de 2014. Disponível em: <<http://www.verdade.co.mz/opiniao/editorial/45908-blablaba>>. Acesso em 05 set. 2014.

das sirenes – quando incomodam o povo na sua circulação pelas estradas cada vez mais esburacadas de Maputo –, foram alvejados por pedra alguma sequer. Os helicópteros do Presidente da República, num país com transporte público abaixo do limiar do deficitário, são apenas objecto de chacota nas redes sociais.

Estamos, na verdade, a falar de uma sociedade que nunca se dignou marchar contra as bastonadas da FIR para expressar descontentamento e sangrar, um pouco, para mostrar que a sua revolta tem algum sentido. Há, contudo, muita coisa que se deve questionar e fazer movimentar céus e terra, se preciso até fazer jorrar sangue, para obter respostas ou elevar o nível de vergonha destes “encurtadores” do nosso futuro. Mas não acontece literalmente nada.

Em suma: somos um país de nabos. A nossa revolta termina exactamente nas teclas de um computador e no perímetro do facebook. Não sai de lá. Ficámos no twitter a maldizer as regalias e a merda de vida que temos. Ora porque os deputados são isto, ora porque Valentina não devia ser rica, ora porque Nyusi não é popular, ora porque Dhlakama tem razão. Não saímos disto e a culpa é literalmente de todos nós. Desconhecemos a coragem e somos primos legítimos da inércia. Há poucos dias, vimos dois jovens que foram espancados no Assembleia da República quando tentavam reivindicar qualquer coisa.

Trecho 5¹⁰

“‘14ymedio’ é a evolução de uma aventura pessoal em um projeto coletivo”, diz a publicação. A primeira edição do jornal, que pode ser acessado em www.14ymedio.com, conta com uma ampla gama de temas, de política a cultura, com ênfase na crítica ao sistema de saúde cubano e um questionamento do status do beisebol como desporto nacional.

A cobertura incluí o artigo “Madrugada Vermelha: Havana está matando por aí”, de Victor Ariel González, sobre a violência

¹⁰ @Verdade EDITORIAL: *Dissidente cubana lança primeiro jornal independente on-line de Cuba*. Escrito por Redação. Em 21 de maio de 2014. Disponível em: <<http://www.verdade.co.mz/internacional/46323-dissidente-cubana-lanca-primeiro-jornal-independente-on-line-de-cuba>>. Acesso em 05 set. 2014.

na capital da ilha. Também inclui artigos de opinião sobre o plano de reforma econômica que o presidente cubano, Raúl Castro, está implementando, assinado pela também blogueira dissidente Miriam Celaya, entre outros.

A publicação também traz entrevistas, reportagens e discussões sobre a participação dos cidadãos e o jornal do futuro.

A maioria dos cubanos não pode ler o jornal, uma vez que apenas 2,6 milhões de pessoas de uma população de 11,2 milhões têm acesso à Internet e muitos só podem ver a Intranet controlada pelo governo.

Yoani, de 38 anos, é uma crítica severa do governo, contra o qual promoveu ataques em seu popular blogue “Geração Y” e na sua conta da rede social Twitter. Os seus posicionamentos a levaram à prisão em várias ocasiões.

O nome do jornal é em homenagem ao ano em que foi criado e ao andar do apartamento onde Yoani vive. A equipe editorial é dirigida pelo seu marido, Reinaldo Escobar. A equipe inclui outros profissionais. Além de dois jornalistas, há um dentista, um engenheiro civil e outros. De acordo com Yoani, eles não serão pagos pelo trabalho.

A publicação não tem uma redação em Havana ou conexão de e-mail. Os jornalistas vão usar mensagens de texto de telefones celulares. As histórias serão enviados para a Internet através de acesso sem fio a partir de hotéis e locais públicos [...] Os jornalistas também estão proibidos de fazer os seus próprios websites, sites de vídeos e relatórios internos que contenham conteúdo crítico, acrescentou. O regulador não especificou o que constituía um conteúdo crítico ou que assuntos em particular os jornalistas não podem criticar.

Trecho 6¹¹

A economia mais sofisticada da África enfrentou dificuldades para se recuperar da recessão de 2009 - a sua primeira desde o

¹¹ @Verdade EDITORIAL: *África do Sul realiza primeiras eleições da geração nascida depois do apartheid*. Escrito por Redação. Em 07 de maio de 2014. Disponível em <http://www.verdade.co.mz/africa/46012-africa-do-sul-realiza-primeiras-eleicoes-da-geracao-nascida-depois-do-apartheid>. Acesso em 05.set.2014.

fim do apartheid em 1994 - e os esforços do CNA para estimular o crescimento e lidar com os 25 por cento de desemprego foram prejudicados por poderosos sindicatos.

Trecho 1	sprinter	política
Trecho 2	website e-mail	informativo sobre o próprio jornal
Trecho 3	slogans	política
Trecho 4	‘cocktails molotov’	política
Trecho 5	Internet Intranet e-mail websites sites	informativo sobre outro sítio de notícias
Trecho 6	apartheid	economia

Quadro – Relação de anglicismos selecionados

No trecho 1, *sprinter* aparece utilizada em um texto sobre política, assim como *slogans* e *cocktails molotov*, nos trechos 3 e 4, respectivamente. Disso decorre uma constatação que podemos observar: a política é o assunto de maior produção jornalística em Moçambique, devido ao seu momento histórico de reorganização política e de sua democracia, após anos de guerra civil decorrente do pós-independência.

Sobre os anglicismos utilizados na área da política, *cocktails molotov* aparece entre aspas, o que poderia ser posto como o entendimento do jornalista de que um estrangeirismo deva vir destacado no texto; contudo, não é esse o motivo: entendemos que o uso de aspas é o que fazemos para chamar a atenção ou dar um destaque. *Sprinter* e *slogans* são utilizados como parte do texto, mas sabemos que existem equivalentes em língua portuguesa, ou seja, a opção pelos anglicismos por parte do jornalista comprova a influência da língua inglesa na escrita moçambicana.

E-mail, *website*, *site*, *internet* e *intranet* foram termos que figuraram em matéria de tipo informativa sobre o próprio jornal e sobre outro portal de notícias. Analisamos que esses usos já se encontram arraigados ao cotidiano não só de Moçambique, mas de vários outros países lusófonos, como o Brasil. Isto é, são termos cunhados no desenvolvimento de tecnologias que chegam para nosso uso e que não apresentam um termo em nossa língua. Por isso, acreditamos que

seu uso esteja relacionado a uma adoção por incorporação do vocábulo com a sua grafia original, como indica Biderman (2001).

O trecho 6 traz o termo *apartheid* em um editorial sobre economia, ou seja, é feita uma alusão histórica ao conflito de segregação de negros por décadas vivido na África do Sul, mas sem relação direta do termo com a economia. Simultaneamente, como se trata de editorial, percebemos que o jornalista coloca uma situação histórica, a do *apartheid*, para criticar a economia atual, conduzindo a uma ideia de segregação na contemporaneidade. Entretanto, em termos de uso do anglicismo, verificamos que o termo parece recorrente quanto ao uso e nos apontou para uma incorporação de uso do anglicismo em grafia original.

Evidentemente, nossa coleta é uma amostra que pretende explicitar como se processa a adoção de anglicismos em Moçambique, em uma perspectiva qualitativa, por isso a seleção de alguns termos como os mostrados nos seis trechos selecionados. É importante frisarmos que o *corpus* selecionado aponta para uma frequência de utilização de anglicismos em textos jornalísticos em Moçambique, no entanto, uma comprovação quantitativa com base em um *corpus* maior poderá nos trazer a certeza de que, de fato, a influência anglófona em Moçambique é efetiva, recorrente e constante.

Após analisarmos os anglicismos em Moçambique, é digno de nota explicitarmos que Valadares (2014) fez uma análise de estrangeirismos no português do Brasil e chegou a conclusões como a comprovação de a incidência de empréstimos linguísticos no português brasileiro ser considerável e que isso não afeta, como amplamente atesta a literatura sociolinguística, o sistema da língua portuguesa. Além disso, sua tese confirma que há um percurso em direção à implementação de mudança linguística em progresso, ora em estágio inicial, ora em estágio final, o que foi abonado no *corpus* de análise. Paralelamente, nossa pesquisa em Moçambique pode nos levar a conclusões muito próximas, caracterizando o fenômeno no espaço lusófono de modo mais efetivo.

Considerações finais

Neste artigo, objetivamos apresentar, por meio de alguns exemplos retirados de sítios de Moçambique, como se processa o uso de anglicismos nesse país africano. Verificamos, com base em *corpus* de esfera qualitativa, que a frequência de uso de anglicismos é considerável e que a sociedade moçambicana

vive um período de trocas linguístico-culturais que geram possibilidades de adoção de termos, principalmente pela influência fronteiriça com países de língua inglesa.

Na organização de nosso artigo, explicamos conceitos e refletimos a respeito da lusofonia, do léxico, da sociolinguística variacionista e dos estrangeirismos. Na sequência, analisamos nosso *corpus*, mostrando que os editoriais selecionados tendem a utilizar anglicismos. Agora, trazemos a fala do Prof. Mabasso¹², que, em entrevista, revela:

A Língua Portuguesa, quanto a mim, vai ter o seu espaço, o que passará por um processo acompanhado de políticas claras visando a sua valorização. Será necessário passar-se de uma fase em que as pessoas saibam da sua existência para, a posteriori, pensar-se na sua implantação. Claro que não vejo o português em condições de competir com o inglês, pelo menos a médio e longo prazos. É imensurável o poderio e prestígio da língua inglesa à escala planetária.

O linguista nos conduz à conclusão de que a influência do anglicismo é, de fato, bastante considerável, como analisamos em nosso artigo. E mais, Mabasso ratifica nossa análise ao explicitar o estado da arte em Moçambique dessas questões linguísticas.

Como nossa ideia é mostrar também como Moçambique transita no espaço lusófono, citamos Brito (2010, p. 85) como fechamento deste artigo:

Compreender a comunidade lusófona do ponto de vista do hibridismo cultural como um processo que permite trocas, disseminação, dispersão de significado e, novamente, reunião de todos os opostos, um lugar de fusão e antagonismos, que reúne, mas também mantém a separação, uma mistura de vozes diferentes que lutam para serem ouvidas, parece ser o objetivo de boa parte dos estudos sobre o assunto – busca-se um ‘terceiro espaço’, que procura evitar uma política de polaridade ou um binarismo cultural; mais ainda, pretende-se um espaço em

¹² MUDAUKANE, Ricardo. “A Língua Portuguesa é factor de exclusão em Moçambique”. (Entrevista ao linguista Eliseu Mabasso). Extraído do jornal *Savana* (Maputo, Moçambique) Publicado em: 27 jun. 2014. Disponível em: <<http://ventosdalusofonia.wordpress.com/category/lusofonia-e-diversidade/page/2/>>. Acesso em 12 set. 2014.

que os valores culturais sejam negociados continuamente, que resulte num reconhecimento cultural da diferença e contribua para uma produção de uma ‘cultura internacional’, justamente baseada na articulação do hibridismo cultural.

Referências

@VERDADE Editorial: África do Sul realiza primeiras eleições da geração nascida depois do apartheid. Em 07 maio 2014. Disponível em: <<http://www.verdade.co.mz/africa/46012-africa-do-sul-realiza-primeiras-eleicoes-da-geracao-nascida-depois-do-apartheid>>. Acesso em: 05 set. 2014.

@VERDADE Editorial: blablaba. 01 maio 2014. Disponível em: <<http://www.verdade.co.mz/opiniao/editorial/45908-blablaba>>. Acesso em: 05 set. 2014.

@VERDADE Editorial: dissidente cubana lança primeiro jornal independente on-line de Cuba. 21 maio 2014. Disponível em: <<http://www.verdade.co.mz/internacional/46323-dissidente-cubana-lanca-primeiro-jornal-independente-on-line-de-cuba>>. Acesso em: 05 set. 2014.

@VERDADE Editorial: farinha do mesmo saco. 06 jun. 2014. Disponível em: <<http://www.verdade.co.mz/opiniao/editorial/46219-farinha-do-mesmo-saco>>. Acesso em 05 set. 2014.

@VERDADE Editorial: pouco importa se é entre Guebuza e Dhlakama. 21 ago.2014. Disponível em: <<http://www.verdade.co.mz/opiniao/editorial/48383-pouco-importa-se-e-entre-guebuza-e-dhlakama>>. Acesso em: 05 set. 2014.

@VERDADE Editorial: verdade sopra do norte.06 jun. 2014. Disponível em <<http://www.verdade.co.mz/tema-de-fundo/35-themadefundo/46625-verdade-editorial-verdade-sopra-do-norte>>. Acesso em: 05 set. 2014.

ALKMIN, T. Sociolinguística. In.: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. *Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1. p. 21-47.

ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 2002.

BARBOSA, H. G.. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2004.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRITO, R. H. P. de; HANNA, V. L. H. Sobre identidade em contexto lusófono. In: BASTOS, N. B. (Org.) *Língua portuguesa: cultura e identidade nacional*. São Paulo: IP-PUC-SP; EDUC, 2010. p. 75-87.

_____. ; MARTINS, M. de L. Moçambique e Timor-Leste: onde também se fala o português. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 3.; CONGRESSO IBÉRICO DE CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO, 2. 2004, Covilhã. *Anais eletrônicos...* Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/1005>>. Acesso em: 17 set. 2014.

_____. Reflexões sobre o português em Timor-Leste. *Revista Mackenzie: educação, arte e história da cultura*, São Paulo, v. 2, n.1, p. 87-95, 2003.

_____. Sobre Lusofonia. *Verbum Cadernos de Pós-Graduação*, São Paulo, n.5, p. 4-15, 2013.

CAMACHO, R. G. *Da linguística formal à Linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. O formal e o funcional na teoria variacionista. In: RONCARATI, C. e ABRAÇADO, J. (Orgs.) *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

CAMPOS, G. *O que é tradução*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARREIRA, M. H. A. A língua portuguesa em contexto: saberes linguísticos, discursivo-textuais e culturais. In: BASTOS, N. B. (org.) *Língua portuguesa: lusofonia – memória e diversidade cultural*. São Paulo: EDUC, 2008.

CARVALHO, N. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Ática, 2002.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In.: MARTELOTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 141-155.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory*. Oxford, Cambridge: Blackwell, 1995.

CUNHA, A. G. da. *Os estrangeirismos da língua portuguesa: vocabulário histórico etimológico*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2003.

FARACO, C. A. (Org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001.

FIORIN, J. L. A lusofonia como espaço linguístico. In: BASTOS, N. B. (Org.) *Língua portuguesa: reflexões lusófonas*. São Paulo: EDUC, 2006.

FREITAS, M. A. de; NEIVA, A. M. S. Estruturação silábica e processos fonológicos no inglês e no português: empréstimos e aquisição. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. v. 4, n. 7, p. 1-27. 2006. Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/educacao/revel/>>. Acesso em: 08 jul. 2012.

GONÇALVES, C. R. *Uma abordagem sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no português*. 2008. 349f. Tese (Doutorado em Linguística)-Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larouse, 1975.

LABOV, W. *Principles of linguistic change*. Oxford: Blackwell, 1994. v. 1

MARTINS, M. de L. Lusofonia e luso-tropicalismo: equívocos e possibilidades de dois conceitos hiper-identitários. In: BASTOS, N. B. (Org.) *Língua portuguesa: reflexões lusófonas*. São Paulo: EDUC, 2006.

MATTOS E SILVA, R. V. Variação, mudança e norma: movimentos no interior do português brasileiro. In.: BAGNO, M. *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

NAMBUERETE, E. A lusofonia no espaço moçambicano. In: BASTOS, N. B. (Org.) *Língua portuguesa: aspectos linguísticos, culturais e identitários*. São Paulo: EDUC, 2012.

_____. Língua e lusofonia: a identidade dos que não falam português. In: BASTOS, N. B. (org.) *Língua portuguesa: reflexões lusófonas*. São Paulo: EDUC, 2006.

NEVES, M. H. de M. A língua portuguesa em questão: uso, padrão e identidade linguística. In: BASTOS, N. B. (Org.) *Língua portuguesa: lusofonia, memória e diversidade cultural*. São Paulo: EDUC, 2008.

PERES, E. P. *O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte: um estudo em tempo aparente e em tempo real*. 2006. 247f. Tese (Doutorado em Linguística)- Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1997.

VALADARES, F. B. *Uso de estrangeirismos no português brasileiro: variação e mudança linguística*. 2014. 191f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014.

WEG, R. M.; JESUS, V. A. de. *A língua como expressão e criação*. São Paulo: Contexto, 2011.

Data da submissão: 20/02/15

Data do aceite: 28/04/15